PRIMEIRA LEITURA

Cardoso Pires ajusta contas com animalidade

JAIR RATTNER
De Lisboa

"A República dos Corvos", último livro de José Cardoso Pires, lançado em dezembro, é um acerto de contas. Em sete histórias, das quais apenas a sexta ("O Dinossauro Excelentíssimo") não é inédita, busca a resolver contas pendentes com a animalidade. Em todas as histórias, o centro da ação passa-se em torno de animais.

Escritos em períodos diferentes, as histórias mostram a ligação de José Cardoso Pires às "short stories" norte-americanas e trazem homenagens a alguns de seus escritores favoritos. O primeiro conto, que dá nome ao livro, entra na vida da cidade de Lisboa, visita a mesquinhez de seus habitantes, fazendo lembrar "O Corvo", de Edgar Allan Poe.

O corvo é o animal símbolo de Lisboa, desde que entrou uma barca com o cadáver de São Vicente até o porto de Lisboa, com dois corvos guardando o santo-mártir. A partir dessa lenda, todos os corvos que aparecem nos céus de Lisboa passam a ser chamados de "vicentes". E na história desse corvo tipicamente lisboeta que Cardoso Pires consegue dar maior força a seu texto, visitando o que há de mais decrépito e também de mais luminoso da cidade.

Franzisko Kapa

Outra homenagem é o conto "As Baratas" em que um engenheiro, de nome Franzisko Kapa (Kapa é a forma como os portugueses lêem a letra K), noutras vezes Franz Kapa, ou simplesmente Franz K. é um engenheiro fugido do nazismo, que se encontra em Portugal e acaba devorado pelas baratas que frequentam suas alucinações. Já os "Passos perdidos — informe de um congresso", são um tributo a Jorge Luis Borges. Apresenta congressistas cegos guiados por cães-secretários cegos, num congresso relatado por um narrador em vias de perder a visão. Para sair do labirinto só falta um fio.

Entre as outras histórias, ressalta-se a republicação do "Dinossauro Excelentíssimo". Escritas entre 1969 e 1971, logo depois da morte de Salazar e durante a crise de continuidade que o então já velho "Estado Novo" sofria, é uma pequena novela política que satiriza o ditador e seu reinado sobre o país. Censurada até a revolução de 25 de abril de 1974, com suas marcas de texto político poderia ter ficado ultrapassada não fosse o rigor formal e a forma onírica como Cardoso Pires a conta. Aos poucos, o sonho deixa de ser uma história de fadas para tornar-se um pesadelo.

O sarcasmo de Cardoso Pires atinge o máximo no conto chamado "Lulu". Apresenta uma solitária mulher de um sargento que se encontra lutando na guerra colonial, guardada por um lobo da Alsácia contra Alberto Soares, solitário correspondente comercial, tradutor de T.S. Eliot e escritor de odes nas horas vagas (qualquer semelhança com Pessoa não é mera coincidência). Em época de guerra, a jovem Sandra-Lulu passa os dias a cantar uma corruptela de uma música dos Beatles: "Oh, Leonilde, is love".

No "Pássaro das vozes". Cardoso Pires trata de uma metáfora um tanto velha: do pássaro que fala quando e o que quer, e não fala quando se espera que ele diga alguma coisa. Por fim, a "Ascensão e queda dos porcos voadores" dá a moral do livro —que todo livro de alegorias deve ter. Para Cardoso Pires, a animalidade é um destino para o ser humano.

"Dinossauro Excelentíssimo"

Na "República dos Corvos" a alegoria empregada por Cardoso Pires é um ponto de partida para a interpretação da realidade, personificando os animais para salientar elementos da ironia que joga sobre a sociedade. Apenas o "Dinossauro Excelentíssimo", de uma outra época, escapa dessa mordacidade, onde o dinossauro é só o extinto ditador. Nos outros contos apenas os animais têm consciência de seu parentesco com os humanos. Já os humanos, por seu lado, ignoram a sua animalidade.

Aos 63 anos, José Cardoso Pires é considerado uma das maiores figuras da ficção portuguesa deste século. Conseguiu com o livro "O Delfim" uma proeza: é o livro mais vendido em Portugal escrito por um português. Com mais de 160 mil exemplares vendidos, ultrapassou José Saramago, que conseguiu vender 140 mil exemplares do seu "Memorial do Convento".

Escritor estreou como contista

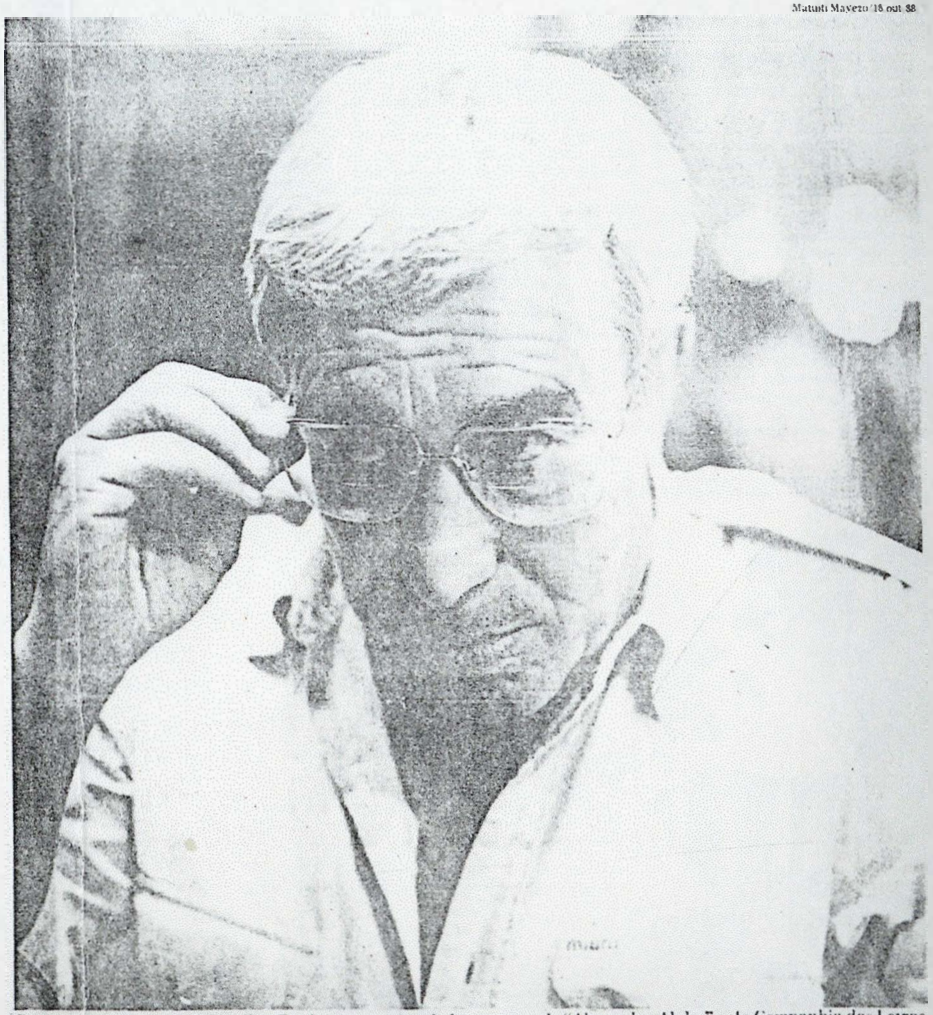
Do Banco de Dados

José Cardoso Pires nasceu em 1925 na aldeia do Peso. Foi professor de literatura portuguesa no King's College de Londres e diretor-adjunto do jornal "Diário do Povo", de Lisboa.

A estréia do escritor se deu como contista, com "Os Caminheiros e Outros Contos", em 1946. Ganhou dois prêmios importantes: Prêmio Branco, com "O Hóspede de Job" (1963), e o Grande Prêmio do Romance e da Novela, com "A Balada da Praia dos Cães" (1982). "O Delfim" (1968) foi considerado pelo "Le Monde" como um dos 20 melhores romances do mundo. Outro romance, "Alexandra Alpha" (1987) foi lançado em outubro pela Companhia das Letras). "O Delfim" e "A Balada da Praia dos Cães" foram editados pela Civilização Brasileira.

A REPÚBLICA DOS CORVOS, de José Cardoso Pires. Lisboa, Editora Dom Quixote, 219 págs. À venda a partir de fevereiro no Livraria Paisagem (av. São Luís, 192, loja 17, tel. 257-4635, Centro).

Matuti Mayezo 18 out 88



Cardoso Pires durante visita a São Paulo, por ocasião do lançamento de "Alexandra Alpha" pela Companhia das Letras

Conto sobre corvos da fome ao lixo

Ascensão e queda dos porcos voadores

JOSÉ CARDOSO PIRES

Na porta ao lado da tasca estabeleceu-se há muito tempo uma mulher que vende ovos e criação, sentada numa cadeira de balouço. O Corvo conhece-a, por acaso até a visita. Diz-se que matou o marido com gemadas envenenadas, se é que ela alguma vez teve marido, mas de concreto o que se sabe e está à vista é que passa os dias amarrada à cadeira a fazer malha com um certo ar irado. Parece uma gata gorda de bigodes assanhados, uma bichana doméstica que preenche o tempo a dar à agulha e a contar um dois três laça, um dois três mate, para se esquecer de outros tempos. Mas isso não passa de aparência porque, coitada, o que a consome é aquele coração que Deus lhe deu, um coração tão grande e universal que não lhe cabe no corpo. Daí estar sempre no cadeirão a bolouçar, a balouçar, como se procurasse dar ar ao peito ou, então, como se tomasse balanço para se projetar pelos ares, rumo a Deus Nosso Senhor.

Nas suas voltas diárias o Corvo nunca se esquece de ir cumprimentar a galinheira que o trata sempre com grande estima, oferecendo-lhe pedaços de tripa e outros desperdícios das aves que estão penduradas no teto. "Olá, freguês", cumprimenta-o ela, assim que o vê saltitar no degrau da porta.

Dão-se muito bem, sempre se deram muito bem um com o outro. Dum modo geral a galinheira recebe-o com um sorriso e muda logo para o trágico, levando a mão ao peito e voltando os olhos para o céu: "Sabes, vizinho, este meu coração..." Com isto quer dizer muita coisa, o Corvo sabe. Angina de peito, tonturas, medicações. O Corvo sabe, o Corvo sabe. Faltas de ar, também. Um dois três mate, um dois três laça, ultimamente as faltas de ar têm sido constantes, e a infeliz balança no cadeirão verdadeiramente angustiada. O Corvo, ouvindo-a sempre com a maior atenção, remata todas as vezes da mesma maneira: "Deixe lá, vizinha, deixe lá, que mais dia menos dia todos os males da gente têm fim", e ela então deixa descair os bigodes e perde-se, resignada, a olhar através da porta o largo das Freiras Descalças que lhe fica mesmo em frente.

O largo das Freiras Descalças, com a capela e o hospital do mesmo nome, está sempre a arrulhar de pombas brancas. O Corvo quando não tem mais que fazer ou quando os clientes da tasca o começam a azedar com parvoíces vai até lá. Vai por ir, só para chatear. Só para criar alvoroço nas mimosas de pena virgem que se passeiam no empedrado a dar à cabecinha. É claro que as pombas quando o vêem aproximar-se abrem logo alas a passo corrido e de peito levantado porque não confiam lá muito no olhinho libertino que ali vem, mas ele avança a direito, luzidio e muito senhor. À passagem deixa cair um ou outro galanteio a esta e àquela.

"Sua galdéria", "Sua aluada", mas nunca se vira para trás, é o viras. Ouve-as rolar suspiros e a tremer a asa, encadeadas certamente com o seu perfil negro espelhado de reflexos azuis; ouve-as todas saltitantes e azougadas, e quando chega ao outro lado do largo volta-se para as olhar de frente: Então que é isso, meninas?

Na taberna alguns bebedores mais vivaços tentam meter conversa com ele. Começam por lhe perguntar o nome, é o costume, e acabam por lhe chamar Vicente, outra parvoíce.

"Vicente?" pergunta um dia um fulano a fazer-se surpreendido. "Se calhar ainda pertence à família dos que andavam atrás do santo, ou é confusão minha?"

Confusão, uma porra. O Corvo, que é taberneiro por convivência com o dono, conhece todas as velhacarias do vinho e como, ainda por cima, é ateu praticante, a conversa do Santo Vicente e dos corvos de Lisboa fá-lo virar as costas, enojado. Desde que se conhece nunca lhe faltaram doutores a provocá-lo com olhares e a falarem para a assistência em corvos históricos do brasão de Lisboa e noutras fábulas correlativas.

Ao cabo e ao resto estes fala-baratos nunca variam no mandar vir. Descrevem invariavelmente o esqueleto do mártir São Vicente a chegar a Lisboa, por inteiro e muito compostinho, numa barca guardada por dois corvos, consoante se pode ver no brasão da cidade. Dois corvos, um à proa, outro à ré, foi neste preparo que o santo arribou ao Tejo, dizem eles, e isso depois de ter navegado uma data de séculos pelos mares da eternidade.

Mares da eternidade? Mas que é isso, eternidade? Para o Corvo Taberneiro a estória do cadáver já bulia de bichos podres e cheirava mais que pior (...).

Extraído de "A República dos Corvos", págs. 10-13

Um juiz aposentado, que nesse outono se encontrava em tratamento de águas numas termas, frente ao mar, viu passar no horizonte do pôr-do-sol um bando de porcos-voadores. Um juiz no outono é sempre muito prevenido e, se estiver aposentado, pior. Este foi ao quarto buscar um binóculo e sentou-se à espera do pôr-do-sol do outro dia.

Mas no outro dia, nada, como já era de esperar. E no outro e no outro, idem. Não é todos os dias que aparecem porcos-voadores no horizonte dum juiz e por conseguinte abandonou o terraço do hotel onde tinha instalado o seu posto de observação e foi mas foi às águas, que era para isso que estava nas termas.

Dava grandes passeios pelo parque à volta do fontanário; o parque, antigo e parado no tempo, tinha uma luz, um mistério, um não sei quê que ele não sabia explicar. Árvores patriarcais, arbustos bravos, o levantar dum pássaro que jamais se via. Aqui e ali espreitavam cabeças de mulher no meio da folhagem: todas de pedra e assentes em colunas assinadas em latim.

Algumas delas quase que sufocadas pelas silvas e pelas heras; e sujas, corroídas; mas sempre com o nome aberto na pedra: Glória, Fecunditas, Minerva, Letitia. O juiz, que era de natureza muito histórica, admitia que se encontrava num Parque Votivo ou num Parque de Deusas Perdidas, mais ou menos desprezado. Um dia descobriu, até, uma bela cabeça de criança no meio de raízes e excrementos (como que caída dum corpo decapitado), uma cabeça anónima portanto, e só por isso já mais que suficiente para dar que pensar a qualquer investigador.

Ele pensou, a missão do magistrado é pensar sobre o ato consumado e não se deixar ir nas aparências. Só que desta vez não o fez com a tranquilidade que seria de desejar porque lhe surgiram os porcos-voadores no horizonte.

Aí mudou o rumo da agulha, como é natural. Apontou ao oceano, a deusa ou anjo degolado podia esperar.

Já se deixa ver que continuava a cumprir as suas visitas ao balneário da Fons Vitae e os passeios pelo parque, a disciplina e o ar puro são essenciais; mas todo ele estava virado para o sol poente, para aí é que o meritíssimo dirigia os pensamentos, qualquer que fosse o lugar onde se encontrasse. E ao entardecer lá estava, de binóculo apontado no terraço do hotel, nunca falhava. E o sol agonizava em colorido de bilhete postal. E o tempo arrefecia. E dos porcos-voadores nem amostras nem promessas, então isto não era de desesperar?

Não. Desesperar nunca. O juiz não era pessoa para se deixar ir abaixo com essa facilidade —e ainda bem. Ainda bem porque num fim de tarde tornou a ver um bando de porcos-voadores na linha do oceano. Acompanhando-o com o binóculo, descobriu com toda a nitidez que tinham asas negras de vampiros e corpos roliços e rosados de animais de pocilga. Caramba, o juiz ficou de tal maneira embasbacado que só largou o binóculo quando a escuridão e o frio da noite caíram sobre ele.

"Fenómeno surpreendente", anunciou depois ao cirurgião Sequerra, que se encontrava hospedado no mesmo hotel. Contou-lhe que os animais voavam de focinho levantado e que dispunham de asas muito resistentes para poderem transportar os seus pesados corpos de suínos. "Suínos de verdade?", com o devido respeito, o doutor cirurgião franzia o nariz. Achava que, numa matéria tão desconcertante, toda a prudência era pouca e procurava descobrir no magistrado o conhecido olhar ardente que domina as criaturas possuídas de mistério, apóstolos, visionários ou outros tidos como tal. Pelo sim e pelo não, aconselhava, ou, melhor, sugeria, que se aguardasse o parecer dos especialistas. Isso, os especialistas. Por outro lado, os jornais com certeza que também não deixariam de se pronunciar sobre o assunto com a tradicional objetividade que lhes compete.

Mas, passados dias, novo bando de porcos-voadores. O juiz acabava de chegar do seu passeio ritual no parque das nascentes das águas sódicas e das deusas petrificadas, quando, ao abrir a porta do terraço, deu de caras com aquilo,

"Que tem, senhor doutor?", perguntou-lhe o cirurgião Sequerra à hora do jantar, impressionado com o silêncio que o magistrado trazia nessa noite.

"Nada, senhor doutor", respondeu ele. E viu, tornou a ver como se fosse pôr-do-sol e tivesse ali à mão o seu binóculo de longo alcance, uma revoada de porcos-voadores a atravessar-lhe o horizonte da memória. Apresentavam asas desprovidas de penas como as dos vampiros e os focinhos arrebitados dos orelhudos suínos.

Extraído de "A República dos Corvos", págs. 27-31